

SIQUEIRA, M.; PEREIRA, L. B.; FERRARI, C. G.; LOPES, N. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017. [www.revel.inf.br]

MAPEAMENTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS EM PROVÉRBIOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

METAPHORIC AND METONYMIC MAPPINGS IN BRAZILIAN PROVERBS

Maity Siqueira¹

Laura Baiocco Pereira²

Caroline Girardi Ferrari³

Nichele Lopes⁴

maity.siqueira@ufrgs.br

laura.baiocco@hotmail.com

carolinegirardiferrari@yahoo.com.br

lopesnichele@gmail.com

RESUMO: Na Linguística Cognitiva, os provérbios são entendidos como atualizações da metáfora conceitual GENÉRICO É ESPECÍFICO. Partindo dessa perspectiva, este artigo investiga a presença de outras metáforas e metonímias em seis provérbios do português brasileiro. Em todos os provérbios analisados neste estudo, identificou-se a presença de metáforas conceituais subjacentes, para além da metáfora conceitual GENÉRICO É ESPECÍFICO. Em três provérbios, foi observada uma interação entre mapeamentos metafóricos e metonímicos. Não foi encontrado nenhum caso de provérbio que apresentasse apenas mapeamentos metonímicos subjacentes, sem estar combinado com um mapeamento metafórico. Conclui-se que as figuras de linguagem não devem ser vistas como fenômenos isolados uns dos outros, uma vez que os provérbios são, muitas vezes, baseados em mapeamentos conceituais metafóricos e metonímicos.

PALAVRAS-CHAVE: provérbios; metáfora; metonímia; Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: Under the Cognitive Linguistics approach, proverbs are seen as instantiations of the GENERIC IS SPECIFIC metaphor. Based on this perspective, this article investigates the presence of other metaphors and metonymies in six proverbs from Brazilian Portuguese. The analyses conducted have pointed to other underlying conceptual metaphors, besides the GENERIC IS SPECIFIC, in all proverbs considered. In three proverbs, interactions between metaphoric and metonymic mappings were observed. None of the proverbs presented only metonymies; they were always combined with

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-doutorado pela University of California, Santa Cruz.

² Mestranda em Psicolinguística do PPG Letras da UFRGS.

³ Graduanda do Curso de Letras da UFRGS.

⁴ Graduanda do Curso de Letras da UFRGS.

metaphors. In conclusion, figures of speech should not be understood as isolated phenomena, since proverbs are often influenced or based on metaphoric and metonymic conceptual mappings.

KEYWORDS: proverbs; metaphor; metonymy; Cognitive Linguistics.

INTRODUÇÃO

Os provérbios, popularmente conhecidos como ditados que expressam uma moral, constituem um tipo de fenômeno figurado que veicula aspectos do patrimônio cultural de um povo através de sua língua. O fato de haver uma área inteira de pesquisa, a Paremiologia, voltada ao estudo dos provérbios atesta, de certa forma, a relevância do fenômeno. Os provérbios, de fato, podem ser estudados sob um prisma cultural, linguístico ou cognitivo. Em termos de cultura, os provérbios podem ser analisados como uma forma de perpetuar experiências humanas, uma vez que transmitem conselhos, avisos e normas éticas de geração em geração. De um ponto de vista linguístico, o fenômeno pode ser estudado tanto por um viés mais formalista quanto cognitivista, adotado neste artigo. A perspectiva cognitivista une explicitamente os prismas linguístico e cognitivo, uma vez que considera a linguagem como uma das habilidades cognitivas humanas. Na abordagem cognitivista, destaca-se o papel das diversas figuras de linguagem e do pensamento na compreensão dos provérbios, em especial, metáforas e metonímias. Neste artigo, o foco será dado ao papel da figuratividade na compreensão dos provérbios pela perspectiva da Linguística Cognitiva (LC).

Em relação à intersecção entre linguagem e cognição, uma das grandes contribuições da LC foi justamente sustentar que a linguagem figurada é um fenômeno não só da linguagem, mas também do pensamento. Desde a década de 1980, a metáfora (e os fenômenos relacionados a ela) tem sido um elemento central no desenvolvimento dessa ideia. Provérbios, assim como metonímias e expressões idiomáticas, não só estão relacionados à metáfora, mas estão relacionados entre si.

O objetivo deste artigo é fazer uma análise qualitativa da co-ocorrência de fenômenos da linguagem figurada, particularmente mapeamentos metafóricos e metonímicos, em seis provérbios do português brasileiro⁵. Análises relacionadas à

⁵ Os seis itens aqui analisados constituem uma tarefa de compreensão de provérbios. Tal tarefa faz parte do Teste de Compreensão de Linguagem Figurada - COMFIGURA (em fase final de elaboração pelo grupo de pesquisa METAFOLIA da UFRGS), que também inclui tarefas de metáfora, metonímia, expressão idiomática e ironia.

presença de mapeamentos metafóricos foram realizadas em provérbios de várias línguas, oriundas de culturas bastante diversas, tais como inglês (Lemghari, 2017; Moreno, 2005; Chiarung, 2012; Liu, 2013), espanhol (Moreno, 2005), chinês (Liu, 2013), árabe (Faycel, 2012), malaio (Muhammad; Rashid, 2014), persa e iraniano (Aliakbari, 2013), croata (Buljan; Gradečak-Erdeljić, 2013), taiwanês e japonês (Chiarung, 2012) e suaíli (Kobia, 2016). Neste sentido, o presente artigo pretende analisar provérbios levando em conta mapeamentos metafóricos e metonímicos, com vistas a contribuir com essa discussão trazendo dados do português brasileiro.

A ideia de que provérbios atualizam mapeamentos metafóricos não é nova na Linguística Cognitiva. Em 1980, na obra seminal *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson já indicam que o provérbio *O tempo voa* é uma instância da metáfora conceitual O TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO. Lakoff e Turner (1989) desenvolveram essa ideia e concluíram que a metáfora conceitual GENÉRICO É ESPECÍFICO explica o princípio geral do uso de provérbios. Em outras palavras, as situações específicas mencionadas nos provérbios veiculam uma ideia genérica que pode ser aplicada em diferentes contextos e situações. O fenômeno das metáforas, portanto, é um fenômeno intrínseco ao dos provérbios e deve ser considerado em suas análises.

Enquanto a relação entre metáforas e provérbios é explicitada desde os primórdios da LC, a relação entre metonímias e provérbios só começou a ser abordada mais recentemente. A metonímia, na LC, é um mecanismo cognitivo importante e tem sido fortemente associada à constituição das metáforas. De fato, metáfora e metonímia se mesclam de tal forma que Ruiz de Mendoza (1999) sustenta que o único critério para distingui-las é o tipo de mapeamento. Se, por um lado, os mapeamentos metonímicos são intra-domínio e revelam uma relação de inclusão em um mesmo modelo cognitivo, por outro lado, os mapeamentos metafóricos se dão entre domínios distintos. Contrariando a ideia de Lakoff e Turner (1989) de que a metáfora conceitual GENÉRICO É ESPECÍFICO explica a formação de provérbios, Ruiz de Mendoza (1999) defende que uma metonímia conceitual, ESPECÍFICO PELO GENÉRICO, explica melhor o fenômeno.

Seja como for, a fim de investigar a presença de metáforas e metonímias nos provérbios selecionados em português, é necessário definir operacionalmente cada um desses fenômenos e apresentar os estudos já feitos em outras línguas. Apesar de

esses fenômenos estarem inter-relacionados, metáfora, metonímia e provérbios serão apresentados separadamente na próxima seção.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 FENÔMENOS RELACIONADOS AOS PROVÉRBIOS

A linguagem figurada, especialmente o fenômeno da metáfora, foi tratada por muito tempo como um recurso retórico ou poético. Essa visão tradicional começou a ser contestada de forma sistemática por Lakoff e Johnson (1980) na obra *Metaphors we live by*. Nessa obra, os autores formulam o que viria a ser não só uma nova teoria para o fenômeno (a Teoria da Metáfora Conceitual), mas que se constituiria em uma das bases da LC, perspectiva teórica na qual a linguagem figurada é um elemento central.

Na perspectiva da LC, metáforas não são recursos somente linguísticos. Ao contrário, metáforas são importantes recursos cognitivos que ajudam a categorizar o mundo. Através de mapeamentos metafóricos, concebemos um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual, definidos na LC como uma organização coerente de experiência. Por exemplo, quando dizemos “Esta discussão não está nos levando a lugar algum”, estamos falando sobre a vida em termos de uma viagem. O domínio que usamos para entender outro é chamado de *domínio fonte*, e o que queremos entender é denominado *domínio alvo*. Neste caso, temos VIAGEM como fonte e VIDA como alvo, formando a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM⁶.

As metáforas conceituais tipicamente tratam de um domínio mais abstrato, o alvo, em termos de outro mais concreto ou fisicamente acessível, o domínio fonte. Já que a metáfora serve para facilitar o entendimento de um tópico, faz sentido que se use um objeto concreto – algo que podemos ver, sentir e entender melhor – como ponte para o entendimento de um conceito mais abstrato. Metáforas também são utilizadas quando queremos destacar um aspecto particular de um domínio alvo. Quando falamos que *aquela empresa está dando frutos*, por exemplo, estamos

⁶ Convencionou-se usar letras maiúsculas para indicar domínios conceituais (por ex., VIAGENS) ou metáforas conceituais (por ex., RELAÇÕES SÃO VIAGENS). Essa notação é importante, pois diferencia mapeamentos metafóricos de atualizações metafóricas linguísticas. A combinação de palavras utilizadas em metáforas conceituais não necessariamente ocorre na língua, mas sim são constatações conceituais. Mapeamentos conceituais motivam metáforas linguísticas (por ex., “Ultimamente temos tomado caminhos bem diferentes”).

atualizando linguisticamente a metáfora ORGANIZAÇÕES SÃO PLANTAS e destacando consequências favoráveis de um trabalho.

A Teoria das Metáforas Primárias (Grady, 1997) é um desdobramento da Teoria da Metáfora Conceitual e surge como uma explicação para o surgimento dos mapeamentos que emergem de correlações entre dimensões distintas de experiências básicas recorrentes e co-ocorrentes. Tais mapeamentos, por hipótese, não dependem da cultura, uma vez que envolvem experiências corpóreas básicas e comuns a todos os seres humanos. Um exemplo de metáfora primária é a metáfora conceitual DIFICULDADE É PESO. Qualquer pessoa, independentemente das condições nas quais vive, tem dificuldade para pegar um objeto pesado. Via de regra, um aumento da dificuldade é proporcional a um aumento de peso. Peso e dificuldade, portanto, são dois domínios experienciais recorrentes e co-ocorrentes, que ilustram um mapeamento conceitual do tipo primário entre um domínio-fonte (o peso) e um domínio-alvo (a dificuldade).

Em nosso sistema conceitual, certos mapeamentos metafóricos são tão presentes (em particular os mapeamentos primários) que, em alguns casos, é até difícil pensar que se trata de um uso figurado da língua. Exemplo disso é a metáfora linguística “dentro de algum tempo”, que atualiza a metáfora TEMPO É CONTAINER (que por sua vez é derivada da metáfora primária TEMPO É ESPAÇO).

A metonímia, assim como a metáfora, é um importante recurso cognitivo que foi, durante muito tempo, tratada como um recurso apenas linguístico e referencial. Ainda que a função referencial seja um aspecto fundamental desse fenômeno, esse também é um recurso cognitivo. Assim, não por acaso expressões metonímicas como *Precisamos de mais mãos para este trabalho* e *Precisamos de mais cabeças para este trabalho*, que evocam partes do corpo humano, são utilizadas com objetivos específicos. As pessoas tipicamente se referem a mão quando se trata de trabalho braçal e se referem a cabeça quando se trata de um esforço intelectual.

Metonímias linguísticas, nessa perspectiva, são entendidas como instâncias de metonímias conceituais. Mão e cabeça para o trabalho são instâncias linguísticas da metonímia conceitual PARTE PELO TODO. PARTE PELO TODO e TODO PELA PARTE são duas metonímias conceituais bastante conhecidas, mas existem muitos outros mapeamentos metonímicos, com atualizações linguísticas recorrentes no português. *Comi dois pratos no almoço*, por exemplo, é uma atualização linguística

da metonímia conceitual RECIPIENTE PELO CONTEÚDO, mas ainda existem O AUTOR PELA OBRA, O LUGAR PELO EVENTO, entre outros.

Na LC, metonímias são definidas como uma projeção conceitual em que um subdomínio é entendido em termos de outro subdomínio cujas partes fazem parte do mesmo domínio conceitual de experiência (Barcelona, 2009). A noção de subdomínio — ou ‘entidade’, como alguns autores preferem chamar (Kövecses, 2010) — é especialmente relevante nesse caso, uma vez que, diferentemente de metáforas, nas metonímias há dois subdomínios que podem ser incluídos em um grande domínio. Assim, na metonímia conceitual FACE PELA PESSOA, a face é um subdomínio do domínio geral pessoa e "Nunca vi a cara do meu vizinho" é uma atualização linguística desse mapeamento.

Apesar de estarem aqui apresentadas como dois fenômenos bem delineados e isolados, muitas vezes metáforas e metonímias estão interligadas em uma mesma expressão. Por exemplo, a expressão *Vê se não vai abrir a boca*, dita com o objetivo de reforçar o desejo de guardar um segredo, veicula tanto uma metonímia (abrir a boca pelo ato de falar) quanto uma metáfora (abrir a boca para deixar escapar um segredo). Metáfora e metonímia, de fato, são dois fenômenos que não só estão interligados entre si, mas se mesclam com outros fenômenos de linguagem figurada, especialmente com expressões idiomáticas e provérbios.

Provérbios são mais difíceis de definir do que metáforas e metonímias, talvez justamente por englobarem metáforas, metonímias e expressões idiomáticas em um mesmo ditado. Parte-se aqui da definição de Gibbs e Beitel (1995, p. 134, tradução nossa), na qual provérbios são “expressões sentenciais familiares e fixas que expressam verdades bem conhecidas, normas sociais e preocupações morais”. Entretanto, os autores ressaltam que é possível encontrar mais de 50 outras definições sobre o fenômeno.

Segundo Gibbs e Beitel, a maioria dos provérbios são originados e interpretados em termos de diferentes metáforas e metonímias conceituais. Assim, muitas vezes a conexão entre os sentidos literal e figurado de um provérbio é formada pelo mapeamento conceitual metafórico e/ou metonímico do domínio fonte ao domínio alvo. Esse sentido unidirecional nos provérbios, do alvo para a fonte, reflete a direção em que isso se dá em mapeamentos metafóricos ou metonímicos. Por exemplo, o provérbio *Panela velha é que faz comida boa* atualiza os mapeamentos conceituais metafóricos PESSOAS SÃO OBJETOS INANIMADOS e DESEJAR É TER

FOME. Em outras palavras, o provérbio não trata de panelas ou de comida. Quando alguém usa esse provérbio, ele/ela está falando de pessoas e de relações sexuais. O domínio fonte PANELA (OBJETO INANIMADO) é mapeado para o domínio alvo PESSOA no primeiro caso e o domínio fonte COMIDA é mapeado para o domínio alvo RELAÇÃO SEXUAL no segundo caso. Esse provérbio também atualiza a metonímia conceitual CONTINENTE PELO CONTEÚDO, já que a panela é o container que está para a pessoa pela qual se tem desejo.

Conforme já mencionado, Lakoff e Turner (1989) defendem que todos os provérbios instanciam a metáfora conceitual GENÉRICO É ESPECÍFICO, uma vez que as situações específicas descritas nos provérbios são utilizadas para generalizar para uma infinidade de outras situações diversas. O provérbio *Caiu na rede é peixe*, por exemplo, é bem específico se considerado na sua literalidade, mas pode ser generalizado em inúmeras ocasiões, uma vez que expressa a ideia geral de que as pessoas devem aproveitar as oportunidades.

Gibbs e Beitel (1995) chamam esses casos de “esquemas de nível específico e genérico” e estes seriam o princípio explanatório universal dos provérbios. As relações entre esses dois níveis são feitas através da metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, que, junto com outras metáforas conceituais, causam e permitem os significados dos provérbios.

Outra característica central e particular dos provérbios, mas que é extralinguística e não será tratada nas análises, é o forte apelo à cultura. Provérbios são parte do conhecimento cultural dos falantes e se referem a conhecimentos genéricos e ideias abstratas. Conforme ficará evidente na seção seguinte, esse é o aspecto mais abordado nos estudos que investigam a presença de metáforas e metonímias em provérbios das mais variadas línguas e culturas.

1.2 ESTUDOS SOBRE MAPEAMENTOS EM PROVÉRBIOS

Partindo da ideia de que provérbios apresentam mapeamentos metafóricos e metonímicos, alguns estudos foram realizados em línguas bastante distantes do português. Na sua maioria, os estudos encontrados abordaram mapeamentos metafóricos, ao passo que os mapeamentos metonímicos foram pouco explorados. Nos dois casos, a cultura é abordada como o fator mais influente na interpretação dos mapeamentos.

Um dos aspectos culturais mais analisados nos estudos é a presença de animais nos provérbios. Muhammad e Rashid (2014) analisam a figura do gato no malásio, que é majoritariamente negativa. Apesar de os autores não mencionarem a metáfora conceitual HUMANOS SÃO ANIMAIS, eles explicitam que, nos provérbios analisados, o gato é usado para representar um humano. Por sua vez, Moreno (2005) foca na figura do cachorro, comparando os provérbios da língua inglesa e espanhola. A autora percebe que por vezes há provérbios idênticos em ambas as línguas. Entretanto, outros provérbios são equivalentes em relação ao sentido geral (mesmo domínio alvo), mas apresentam diferentes domínios fonte.

O trabalho de Moreno é o único, dentre todos os encontrados na literatura, que leva em consideração mapeamentos metonímicos, além dos metafóricos, na análise de provérbios. Segundo a análise da autora, os mapeamentos metonímicos ocorrem em interação com os metafóricos de duas formas nos provérbios: ou uma metáfora serve de domínio fonte para um mapeamento metonímico, ou uma metonímia serve de domínio fonte para um mapeamento metafórico. O exemplo que ela fornece para ilustrar tal interação é o do provérbio *Better be the head of a dog than the tail of a lion*⁷, no qual a cabeça do cachorro representa metaforicamente a liderança de uma pessoa e metonimicamente representa a pessoa como um todo.

Ainda sobre a presença de animais em provérbios, Kobia (2016) apresenta, em um estudo sobre a conceitualização de galinhas na língua suaíli, a associação do animal com um sentido positivo. É possível perceber que Kobia, assim como todos os autores mencionados anteriormente, destacam: (i) a questão da cultura para a interpretação dos provérbios e (ii) a ideia de que diferentes culturas interpretam os provérbios com animais de formas diferentes.

Entretanto, animais não são o único aspecto tratado nos estudos. Chiarung (2005) trata de alimentação de forma geral, estudando a língua inglesa, taiwanesa e japonesa. Nos provérbios analisados na língua inglesa, somente duas metáforas conceituais sobre o ato de comer foram encontradas, enquanto o taiwanês e o japonês apresentavam oito cada um. Faycel (2012) também aborda as metáforas relacionadas à comida, só que no árabe. Sua análise levou à conclusão de que tais metáforas remetem às personalidades: comidas doces lembram pessoas amáveis, enquanto comidas amargas representam relacionamentos com pessoas repulsivas. No geral, o estudo indica a presença da metáfora conceitual DESEJAR É TER FOME.

⁷ “É melhor ser a cabeça de um cachorro do que o rabo de um leão”, numa tradução livre.

No persa, Aliakbari e Khosravian (2013) analisam a presença de cores nos provérbios. Os achados revelam que a cor preta é a mais utilizada em provérbios, seguida da branca. Especificamente, o preto está predominantemente ligado às coisas ruins, como maldade e mágoa, enquanto o branco é associado às coisas boas, como sorte e honestidade. Embora os sentidos específicos dados a cada cor dependam parcialmente da cultura, e este foi o argumento dos autores, o sentido geral que pode ser identificado através das cores nos provérbios está de acordo com a visão experiencialista da linguagem. Como visto na subseção anterior, algumas metáforas são potencialmente universais. Esse parece ser o caso da metáfora primária BOM É CLARO, claramente instanciada nos provérbios analisados por Aliakbari e Khosravian (2013). No português brasileiro, em um estudo recente, Martins (2014) identifica unidades fraseológicas e parêmsias cromáticas através de um estudo de *corpora*. A autora, no entanto, não analisa a existência de mapeamentos subjacentes nas unidades apresentadas.

Dialogando com a ideia da influência de metáforas nos provérbios, Lemghari (2017) afirma que um dos fatores que possibilita a compreensão dos provérbios independentemente do contexto é o fato de que eles apresentam mapeamentos metafóricos, sejam eles primários ou culturais. Ao estudar a polissemia nos provérbios, o autor defende também que alguns são geralmente estáveis, enquanto outros podem apresentar conotações positivas ou negativas conforme seus mapeamentos metafóricos subjacentes em dado contexto sejam mais positivos ou negativos. Por exemplo, o provérbio da língua inglesa *A rolling stone gathers no moss*⁸ pode ser interpretado das duas maneiras, conforme os domínios alvo VIAGEM (positivo) ou DEVANEIO (negativo) sejam empregados num contexto específico. Tal característica, a polissemia dos provérbios, possibilita interpretações de valências diferentes e pode variar em determinadas comunidades culturais e linguísticas, alternando o sentido dos provérbios de acordo com o contexto do discurso.

Apesar de os aspectos culturais terem sido tratados na maioria dos estudos discutidos aqui, essa dimensão não foi identificada nos provérbios que serão analisados no presente artigo. De fato, essa característica não é mera casualidade ou típica de provérbios brasileiros. Como será abordado na seção seguinte, a influência da cultura foi controlada durante o processo de seleção das expressões, priorizando mapeamentos com potencial para a universalidade.

⁸ “Uma pedra que rola não acumula limo”, numa tradução livre.

2. MÉTODO

A seleção dos provérbios aqui analisados foi feita por seis participantes do grupo de pesquisa METAFOLIA (do PPG Letras da UFRGS). Tal seleção se deu em cinco etapas: (i) um *brainstorming* com o grupo, (ii) pesquisas em plataformas digitais, (iii) análise e pré-seleção dos itens, (iv) aplicação de uma tarefa de familiaridade e de um questionário de compreensão de provérbios e (v) escolha final dos itens.⁹

Durante o *brainstorming* se decidiu que seriam selecionados provérbios altamente familiares e que o método mais adequado para tal seleção seria uma busca em plataformas digitais. A segunda etapa do processo foi a busca propriamente dita na web (mecanismo de busca *Google*¹⁰), a fim de selecionar provérbios com os maiores números de ocorrência. Nesta segunda etapa foram selecionados 15 provérbios. Na etapa seguinte, os 15 itens escolhidos foram analisados em termos de tamanho, transparência e complexidade lexical e sintática. Nessa fase, foram mantidos 10 dos 15 provérbios, os quais obedeciam aos seguintes critérios: ter entre 7 e 11 sílabas, não incluir palavras incomuns, incluir no máximo duas orações e serem bastante opacos. O provérbio *Para bom entendedor meia palavra basta*, por exemplo, foi um dos itens eliminados nesta etapa, em função de ser mais longo que os demais (com 14 sílabas) e de ter uma palavra incomum, *entendedor*. Na etapa seguinte, foi elaborado um teste de familiaridade e outro de compreensão com os 10 itens. O teste de familiaridade consistia de uma escala Likert de cinco pontos, indo de 1 (nada familiar) a 5 (totalmente familiar). No teste de compreensão, eram apresentados os provérbios seguidos da pergunta *O que isso quer dizer?*. Esses dois testes foram aplicados para 204 participantes, adultos, falantes nativos de português brasileiro de uma mesma comunidade linguística (residentes na região metropolitana de Porto Alegre). Na última etapa, foram selecionados os seis provérbios mais familiares e melhor compreendidos pelos participantes. Todos os provérbios selecionados são, portanto, bastante familiares¹¹. Os provérbios também foram considerados bem compreendidos, com uma média de acertos superior a 80% em uma tarefa de compreensão dos provérbios aplicada aos mesmos participantes.

⁹ Os critérios de seleção dos provérbios, descritos a seguir, foram pensados tendo em vista o objetivo final de elaboração de um teste psicolinguístico de compreensão de linguagem figurada.

¹⁰ Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em 01 Dez. 2015.

¹¹ Tal classificação vem do resultado do teste de familiaridade, no qual os provérbios selecionados obtiveram uma média igual a 4 ou maior do que 4.

Os provérbios selecionados foram os seguintes:

P1: *Em boca fechada, não entra mosca.*

P2: *Filho de peixe, peixinho é.*

P3: *Quem vê cara não vê coração.*

P4: *Onde há fumaça, há fogo.*

P5: *Quem não chora não mama.*

P6: *Cachorro que late não morde¹².*

Considerando a literatura sobre o fenômeno, os provérbios apresentam certas características gerais, que também foram observadas. Assim, além de familiaridade e compreensibilidade, os provérbios também foram controlados em termos de tamanho, complexidade lexical e transparência. Considerados esses critérios, os seis provérbios elencados acima foram escolhidos e a análise de mapeamentos conceituais que será apresentada nas seguintes seções foi feita.

3. ANÁLISE

A partir da literatura e dos procedimentos descritos acima, procedeu-se à análise dos provérbios. Nestas análises, serão apresentadas metáforas e metonímias conceituais que vão além da metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, mencionada anteriormente. Também é importante observar que os sentidos figurados desses provérbios levaram em consideração as opiniões dos participantes do teste de compreensão de provérbios, falantes nativos de português brasileiro. As análises são apresentadas a seguir.

3.1 EM BOCA FECHADA, NÃO ENTRA MOSCA.

Neste provérbio é observada a metáfora conceitual RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS. Na sua literalidade, a palavra *mosca* é utilizada para representar algo ruim, não desejado ou problemático que pode acontecer se a pessoa permanecer falando (ou mantiver sua boca aberta). O mapeamento identificado é metafórico porque uma mosca e um resultado indesejado pertencem a dois domínios

¹² Existe também a variante “Cão que ladra não morde”. As duas elaborações apresentam números altos de ocorrência em plataformas digitais, então optou-se por selecionar a variante com a palavra *late*, que é mais frequentemente utilizada isoladamente (e que, por hipótese é mais conhecida das crianças).

diferentes de nossa experiência.

As pessoas em geral utilizam este provérbio para aconselhar alguém a ficar quieto, ou para dizer que, caso falem demais sobre certo assunto, consequências ruins podem acontecer. Assim, a mensagem literal não está distante do significado esperado: a palavra 'boca', por exemplo, descreve algo utilizado para falar. É possível, então, identificar uma metonímia conceitual nesse provérbio.

Explicitamente, se fala sobre uma boca fechada, quando, na verdade, o objetivo é falar sobre uma situação em que alguém está (ou deveria se manter) quieto. Assim, é utilizado o conceito de manter a boca fechada como uma representação de silêncio. Como esses conceitos são bastante conectados nas nossas experiências diárias, e sabe-se que uma pessoa não pode literalmente falar com a boca fechada, esses são dois conceitos de um mesmo domínio. Assim, *manter a boca fechada* é classificado como um estado e o silêncio esperado como um efeito do estado. Com isso, identifica-se a metonímia O ESTADO PELO EFEITO DO ESTADO.

3.2 *FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É.*

Neste provérbio, a metáfora conceitual HUMANOS SÃO PEIXES está sendo atualizada, já que o conceito de animais é utilizado para falar de humanos. Esse é um mapeamento específico que deriva do mapeamento mais geral HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS. Esse mapeamento mais geral é bastante produtivo, como se observa nos provérbios *A curiosidade matou o gato* e *Cada macaco no seu galho*, em português, e *You can't teach an old dog new tricks*¹³, em inglês, entre muitos outros.

3.3 *QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO.*

Neste provérbio é possível identificar a metáfora conceitual O ESSENCIAL É INTERNO. Quando se diz que é preciso “olhar para o coração de alguém” ao invés de sua aparência, isso quer dizer que é melhor julgar a pessoa por sua personalidade, caráter e/ou bondade. A intenção aqui não é se referir ao coração físico literalmente. A palavra *coração*, portanto, é usada figuradamente, denotando uma parte essencial da personalidade das pessoas. A metáfora primária O ESSENCIAL É INTERNO, além

¹³ “Não se pode ensinar truques novos a um cão velho”, numa tradução livre.

de ser muito produtiva nas comunicações diárias (como na expressão *análise superficial do problema*, por exemplo), também aparece na base do provérbio *Não se deve julgar um livro pela capa*.

No provérbio *Quem vê cara não vê coração*, também se nota o uso metafórico do verbo *ver*. Nesse e em outros contextos, o verbo é usado no sentido de julgar, prestar atenção e levar alguns aspectos em consideração. Assim, pode ser identificada, também, a metáfora VER É JULGAR.

Nesse item também é possível identificar metonímia, em *cara* e *coração*. A palavra *cara* representa a ideia de aparência de uma pessoa como um todo, não somente facial. Cabelo, estilo, atitude, roupas, postura, e assim por diante, também podem ser considerados como aparência, fazendo com que a interpretação literal de *cara* seja apenas parte do conceito de aparência física como um todo. Cara, como se sabe, não é uma parte qualquer do corpo, mas uma parte relevante na experiência humana, através da qual é possível identificar a pessoa como um todo. O *coração*, por sua vez, é interpretado metafóricamente e metonimicamente como o *container* dos sentimentos e emoções de uma pessoa. Ao mesmo tempo que se fala metaforicamente do *peito* como sendo a sede dos sentimentos, *coração* representa metonimicamente o órgão localizado no peito que, prototipicamente, representa os sentimentos de alguém. É possível afirmar, com isso, que há, nesse provérbio, duas instâncias da metonímia conceitual PARTE PELO TODO. Desta forma, metáfora e metonímia interagem nesse item, formando parte do sentido do provérbio.

3.4 ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO.

Neste provérbio, há uma referência aos aspectos visuais da experiência: fumaça e fogo. Desta forma, trata-se do domínio da visão: um evento que é percebido visualmente leva a inferir a ocorrência de algum outro evento. Entretanto, quando esse provérbio é aplicado a uma situação real, a ideia é que saber um fato leva ao conhecimento de outro fato. Neste ponto, não se está mais no domínio da visão, mas sim do conhecimento. Portanto, o conhecimento é mapeado em termos da visão. A metáfora conceitual detectada aqui é SABER É VER, outra metáfora primária com potencial para universalidade.

3.5 QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA.

Em termos literais, o ditado sugere que um bebê precisa chorar para ser amamentado. Entretanto, quando o provérbio está em um contexto de uso, significa que uma pessoa precisa insistir em algo para alcançar seus objetivos. Ser amamentado, neste caso, representa a noção de atingir um objetivo. Neste provérbio, identifica-se uma combinação de duas metáforas conceituais: DESEJAR É TER FOME e ATINGIR UM PROPÓSITO É ADQUIRIR UM OBJETO DESEJADO. A fome do bebê em seu sentido literal representa o desejo de, figurativamente, alcançar um objetivo. Conseguir mamar expressa a satisfação de um desejo e chorar expressa o esforço que é feito para satisfazer esse desejo (Grady, 1997; Lima; Gibbs; Françoze, 2001).

3.6 CACHORRO QUE LATE NÃO MORDE.

Este provérbio é outra evidência da produtividade da metáfora conceitual HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS. De forma similar ao que acontece no provérbio 4.2 (*Filho de peixe, peixinho é*), neste provérbio, o cachorro representa uma pessoa no contexto de uso.

Outro mapeamento identificado é a metonímia conceitual PARTE PELO TODO. No provérbio, *morder* representa toda a ação de ataque do cachorro. Não se afirma simplesmente que um cão que late não morde, mas que o animal não ataca. Já que o ato de morder faz parte do ataque do cão, a existência da metonímia PARTE PELO TODO se torna evidente. Esse mapeamento é, de certa forma, diferente dos outros, já que essa metonímia está no nível do provérbio, e não do uso.

CONCLUSÃO

Como evidenciado neste artigo, as figuras de linguagem são mais bem entendidas quando estudadas ou interpretadas como fenômenos interdependentes. As evidências de que provérbios são frequentemente influenciados e baseados em mapeamentos conceituais metafóricos e metonímicos corrobora essa ideia. Como visto, todos os provérbios analisados apresentam metáforas; alguns apresentam somente metáforas e outros apresentam também metonímias. O mesmo padrão foi

observado nos provérbios analisados na literatura. Com isso, metáforas podem ser consideradas uma forte influência na interpretação dos provérbios, influência essa que vai além da noção de que a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO perpassa todos os provérbios.

Este é um importante ponto a ser considerado, já que a compreensão dos provérbios é um tópico recorrente nos estudos da área. Os mapeamentos metafóricos subjacentes podem influenciar os resultados de estudos futuros de compreensão de provérbios, já que podem facilitar a interpretação dessas expressões. Por exemplo, se o participante que está sendo testado estiver familiarizado com a metáfora O ESSENCIAL É INTERNO conceitualmente, ele provavelmente entenderá pelo menos parte do significado do provérbio *Quem vê cara não vê coração*, mesmo que nunca o tenha ouvido especificamente. O mesmo pode acontecer com mapeamentos metonímicos.

Cabe ressaltar que não foram encontrados na amostra provérbios que apresentassem metonímias isoladas, isto é, sem estarem interagindo com metáforas. O fato de que a opacidade dos provérbios foi controlada e de que só os itens mais opacos foram mantidos na seleção pode explicar esse número menor de metonímias nos provérbios, já que um predomínio de metonímias provavelmente implicaria em expressões mais transparentes. Apesar de esses dados terem sido gerados a partir de uma amostra pequena de itens, faz sentido supor que sejam um reflexo de uma tendência geral nesse fenômeno: metáforas são mais prevalentes do que metonímias em provérbios, particularmente nos que apresentam uma maior idiomatidade. Porém, as metonímias ainda têm um papel importante na formação dos provérbios, dado que foram identificadas na metade dos itens aqui considerados.

Também foi possível perceber que alguns provérbios apresentam mapeamentos de maior complexidade quando comparados a outros. O provérbio *Quem vê cara, não vê coração*, por exemplo, possui quatro mapeamentos identificados, enquanto alguns outros apresentam somente um. Isso leva a pensar na possibilidade de diferentes níveis de complexidade dos provérbios, o que pode ser também fator importante na compreensão do fenômeno. Este tópico ainda deve ser estudado mais profundamente em estudos futuros.

A perspectiva da Linguística Cognitiva sobre figuras da linguagem e do pensamento tem ganhado espaço justamente porque permite uma análise mais profunda e minuciosa sobre o fenômeno. Essas análises permitem que novas teorias

expliquem problemas antigos. Com isso, este artigo busca contribuir com a discussão nesta área. De maneira geral, este estudo também corrobora a ideia de que provérbios, metáforas e metonímias são parte de um vasto sistema cognitivo que apresenta coerência interna e cujos componentes estão interligados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALIAKBARI, Mohammad; KHOSRAVIAN, Fereshteh. A corpus analysis of color-term conceptual metaphors in Persian proverbs. *Akdeniz Language Studies Conference*, v. 70, p. 11-17, 2013.
2. BARCELONA Sánchez, Antonio. O poder da metonímia. *Cadernos de tradução*, v. 25, p. 7-24, 2009.
3. BULJAN, Gabrijela; GRADEČAK-ERDELJIĆ, Tanja. Where cognitive linguistics meets paremiology: a cognitive-contrastive view of selected English and Croatian proverbs. *Explorations in English Language and Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 63-83, 2013.
4. FAYCEL, Dahklaoui. Food Metaphors in Tunisian Arabic Proverbs. *Rice Working Papers in Linguistics*, v. 3, n. 1, p.1-23, 2012.
5. GIBBS, Raymond; BEITEL, Dinara. What proverb understanding reveals about how people think? *Psychological Bulletin*, v. 118, p. 133-154, 1995.
6. GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD Dissertation, University of California, Berkeley. p. n/a, 1997.
7. KOBIA, John. A Conceptual Metaphorical Analysis of Swahili Proverbs with Reference to Chicken Metaphor. *International Journal of Education and Research*, v. 4, n. 2, p. 217-228, 2016.
8. KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.
9. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
10. LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
11. LEMGHARI, El Mustapha. Conceptual Metaphors as Motivation for Proverbs Lexical Polysemy. *International Journal of Language and Linguistics*. v. 5, n. 3, p. 57-70, 2017.

12. LIMA, Paula; GIBBS, Raymond; FRANÇOZO, Edson. Emergência e natureza da metáfora primária DESEJAR É TER FOME. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 2, p. 107-140, 2001.
13. LIU, Jianwen. A comparative study of English and Chinese animal proverbs- from the perspective of metaphors. *Theory and Practice in Language Studies*, v. 3, n. 10, p. 1844, 2013.
14. LU, Chiarung. Eating Is Not an Easy Task. Understanding Cultural Values via Proverbs. *Japanese Studies Journal*, v. 29, n. 1, p. 63–79, 2012.
15. MARTINS, Sabrina de Cássia. Cultura, cognição e uso: Aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas. *Domínios de Linguagem*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 118-138, dez. 2014. ISSN 1980-5799.
Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/27452>>. Acesso em: 01 ago. 2017.
16. MORENO, Ana Ibáñez. An analysis of the cognitive dimension of proverbs in English and Spanish: The conceptual power of language reflecting popular believes. *SKASE Journal of theoretical linguistics*, v. 2, n. 1, p. 42-54, 2005.
17. MUHAMMAD, Nurul N.; RASHID, Sabariah M. Cat Metaphors in Malay and English Proverbs. *International Conference on Knowledge-Innovation-Excellence: Synergy in Language Research and Practice (2013)*, v. 118, p. 335-342, 2014.
18. RUIZ de Mendoza Ibáñez, Francisco J. *Introducción a la teoría cognitiva de la metonimia*. Granada: Método Ediciones, 1999.
19. SIQUEIRA, Maity; LAMPRECHT, Regina. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. *D.E.L.T.A.* v.23, n. 2, p. 245-272, 2007.

Recebido em: 13/06/2017

Aceito em: 28/07/2017